

A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX: AS CARTAS DE FLORA DE OLIVEIRA LIMA E EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE¹

Ana Carolina Huguenin Pereira

Resumo: A correspondência é uma importante modalidade da escrita auto-referencial feminina. Através dela, é possível entrever maneiras de viver, códigos comportamentais e idéias que circulavam numa determinada época, tendo acesso aos espaços discursivos de um lugar e de um tempo, e à posição das autoras-personagens das cartas em relação em relação aos mesmos. O escrever cartas, exercício realizado na esfera íntima, é um dos poucos meios de expressão permitidos às mulheres do século XIX, circunscritas aos espaços domésticos e impedidas de se pronunciar publicamente. Neste trabalho, analisaremos a correspondência de duas mulheres brasileiras da Belle Époque: Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite. Nascidas na mesma época – meados do século XIX – e pertencentes à elite – do açúcar e do café, respectivamente –, elas tiveram uma formação parecida e são exemplares no que se refere a uma geração de mulheres que vai ser educada e experimentará o mundo de uma forma bem singular para os padrões da época.

Palavras-chave: gênero; escrita; correspondência; modernidade; sociabilidade.

Introdução: esboço de um quadro histórico

Escrita de si e a correspondência

A escrita auto-referencial ou escrita de si, da qual a correspondência é uma importante modalidade, deve ser inserida no contexto histórico de emergência do indivíduo moderno. Um longo processo iniciado no século das Luzes, e ainda em

curso, estabelece – ou antes reconhece – a autonomia do sujeito: todos os homens, seres dotados de razão, são iguais entre si e possuem liberdade de escolha. Daí se estabelece uma realidade na qual a tradição não mais demarca as identidades e os papéis sociais. O homem moderno, que não mais ocupa um lugar preestabelecido na sociedade, e cuja identidade não mais se submete a uma lógica coletiva, é, em princípio, "ninguém". Ele é sujeito/indivíduo ao mesmo tempo distinto e constitutivo do todo social, e, como tal, deve construir para si uma identidade singular (GOMES, 2004b).

A autonomia do sujeito dá à vida individual uma importância até então desconhecida. E é assim que, a partir do século XVIII, os homens começam a produzir "histórias" de si mesmos, isto é, textos que expressam suas identidades e seu cotidiano (LEVILLAN, 1996). A escrita de si é compreendida aqui como todo tipo de registro individual: diários, arquivos pessoais, correspondência e autobiografias. Na medida em que a sociedade moderna reconheceu o valor de todo indivíduo e difundiu a leitura e a escrita, a escrita de si passa a registrar e significar as vidas, não apenas dos "grandes homens" (os homens públicos), mas dos homens e mulheres "comuns". Em uma realidade em que a vida individual tem autonomia em relação ao outro, a escrita auto-referencial é uma forma de construção de identidade e memória, que permite a todos os indivíduos deixarem "testemunhos" de quem foram e de como viveram.

O indivíduo moderno, ao ser reconhecido como um ser absolutamente singular e também social, tem uma identidade fragmentada, descontínua. Sua trajetória, igualmente descontínua, se altera ao longo do tempo, que oferece múltiplas possibilidades presentes e futuras, colocando-o em permanente tarefa de escolher. Assim, o desafio que se coloca ao sujeito não é apenas construir uma identidade para si, mas uma identidade contínua e coesa: daí o desejo de domínio do "eu" e do tempo, que precisam ser significados pelo indivíduo. O texto – o discurso produzido pelo sujeito – constrói um autor-personagem, ao mesmo tempo em que é construído por ele, servindo assim de suporte para o reordenamento e a reconstrução coerentes das identidades e trajetórias fragmentadas do indivíduo.

Se a escrita auto-referencial permite a construção de um "eu" através do discurso, ela é essencialmente subjetiva. Através dela, os indivíduos elaboram sua versão da vida, dos acontecimentos de sua época e, enfim, de si próprios. A verdade, numa concepção própria às sociedades individualistas, passa a ter um forte vínculo com as idéias e sentimentos de foro íntimo. A "verdade" que se expressa na escrita de si não é aquela objetiva, mas tem um sentido plural, a partir do momento em que as possibilidades de construção de identidades e memórias são múltiplas. Ela aparece, então, na escrita de si, como sinceridade. Isto é, na escrita de si o sujeito elabora uma versão própria – sincera, mas não unívoca – da verdade: de "sua" verdade.

A sociedade da subjetividade é também aquela que promove a idéia de intimidade ou de expressão de sentimentos, como os de amizade e amor (VICENT-BUFFAULT, 1996). Esses sentimentos têm de ser educados e codificados (VICENT-BUFFAULT, 1996). A escrita de si é um importante instrumento dessa educação-codificação, isto é, do "eu" que se expressa dentro de certos limites e códigos em relação a si e aos outros.

A correspondência pessoal expressa esse novo código de intimidade e expansividade dos sentimentos "educados" desenvolvendo-se no contexto de privatização da sociedade. Assim como outras modalidades de escrita auto-referencial, a correspondência constrói um autor-personagem, o sujeito e seu texto. Mas esse tipo de escrita tem a especificidade de estabelecer uma troca, em que o sujeito que escreve elabora um discurso de si – uma identidade – e revela-o ao amigo e leitor. Este, ao responder à carta fará a mesma coisa. Assim, os correspondentes se vêem e se fazem ver pelo outro, ao mesmo tempo em que elaboram uma expressão literária de si próprios. Trata-se, portanto, de uma prática fundamentalmente relacional em que se constroem – ou se rompem – laços sociais. Daí a correspondência pessoal ser considerada um importante espaço de sociabilidade,² isto é, um espaço privilegiado de construção e/ou manutenção de vínculos e redes sociais, sejam de caráter sentimental, político, intelectual ou profissional.

A expressão de si, a construção de um autor-personagem individualizado, vem acompanhada, nas cartas, de normas e protocolos socialmente compartilhados. Assim, a escrita epistolar permite ao pesquisador se aproximar das experiências de vida, pensamentos e sentimentos dos indivíduos, além de uma configuração das relações sociais e da cultura de sua época. Dessa maneira, podemos enxergar na correspondência íntima uma importante prática cultural, que nos permite acesso à subjetividade moderna.

As mulheres e a escrita de si

A escritora Nísia Floresta (apud LOURO, 1997) aponta a educação das mulheres como a "doação mais importante" da civilização e do liberalismo. A difusão do ensino, propagado pelo movimento das Luzes, é algo caro aos ideais da civilização burguesa e não fica restrita aos homens. Um país moderno e civilizado, *status* cada vez mais reivindicado pelo Brasil do século XIX, deveria ter cidadãos instruídos, conscientes de seus deveres cívicos e comprometidos com os ideais de progresso. As mulheres, primeiras educadoras dos filhos, isto é, dos futuros brasileiros, também deveriam receber instrução, o que significava dizer que teriam um acesso crescente à leitura e à escrita. Por isso, Marie-Claire Hoock-Dermale comenta sobre a difusão da leitura e da escrita entre as mulheres: "as mulheres começam, a partir do século XIX, a fazer uso muito pessoal de uma liberdade que lhes foi, talvez inconsideradamente, concedida pelos filósofos e pedagogos das Luzes, e mesmo imposta pela vontade de certos Estados" (HOOCK-DERMALE, 1991, p. 181).

A modernidade definiu o indivíduo como o entendemos hoje, ou seja, aquele a quem se reconhecem liberdade e escolha de um percurso pessoal. Com isso, como vínhamos desenvolvendo, os papéis e identidades sociais sofreram importantes transformações. Uma redefinição de tamanha grandeza nos rumos e na autopercepção do indivíduo não poderia deixar de afetar as mulheres, à revelia – ou mesmo contra o desejo – dos homens. Assim, grandes mudanças afetam as identidades sexuais e a relação entre os sexos. Emerge, então, um discurso feminista e a reivindicação de uma maior liberdade e uma nova inserção – política, intelectual e social – feminina no mundo ocidental. Tudo isso provoca reações e todo um discurso conservador em relação às mulheres é elaborado, baseando-se não mais nas hierarquias sociais tradicionais, mas reivindicando um caráter racional, isto é, uma legitimidade científica. A "natureza feminina" passa então a ser definida na tentativa de resgate, sob novas fundamentações, de uma ordem anterior. Um discurso presente em várias correntes de pensamento positivista, higienista e psiquiátrica – todas muito em voga no século XIX e muito fortes no Brasil. Os ideais de domesticidade, docilidade, recato, sacrifício pessoal e dedicação à família são virtudes atribuídas às mulheres, definindo assim seu comportamento "natural" de "anjos do lar".

Enquanto "anjos do lar", o espaço adequado e reservado às mulheres era o espaço privado. A cena pública, das atividades políticas e econômicas, era aquela a que somente os homens teriam acesso e onde exerceriam suas funções.³ Michelle Perrot chama a atenção para o fato de que os arquivos públicos, "olhar dos homens sobre os homens", fornecem poucas pistas que digam respeito às mulheres, "categoria indistinta, destinada ao silêncio" (PERROT, 1989). Por isso, durante longo tempo, o que se conhecia sobre as mulheres eram os discursos – "científicos" ou religiosos – que se produziam sobre elas, isto é, sobre a mulher enquanto categoria ideal e abstrata. As mulheres reais, em sua singularidade e concretude, apareciam, pois, na escrita, nos arquivos, e em todo o tipo de registro do privado. Um espaço privilegiado onde as próprias mulheres registravam a si próprias, e que só passaram a ser explorados pela historiografia a partir da segunda metade do século XX. Até então, os arquivos privados estavam confinados no "sótão da história" (PERROT, 1989, p. 11).

A escrita de si é um trabalho de ordenamento e significação do tempo e do eu. Assim sendo, podemos dizê-la uma forma de autoconhecimento e autocontrole. Nos trechos seguintes, Marie-Claire Hock-Demarle dá pistas sobre o significado da escrita de si de uma mulher: "Decidi manter um diário íntimo no qual responderia, como perante a minha consciência, pela minha vida mais secreta e submeteria a julgamento as minhas idéias e os meus sentimentos tal como surgem em mim, uns após os outros, para minha maior instrução" (HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 180). Para as mulheres do século XIX, sobre as quais recaía uma grande exigência moral, essa auto-reflexão era não só aceitável como estimulada. A escrita de si aparece então como prática educativa e social, e um espaço privilegiado de expressão feminina. Um espaço onde as mulheres teriam liberdade de se expressar, na dimensão privada da

experiência emocional pessoal, situando-se no mundo e deixando seu testemunho. Phillipe Leujeune (apud CUNHA, 2000, p. 161), por exemplo, considera que "o diário é uma prática educativa entre outras. Deve contribuir para a educação moral (o exame de consciência diário) e ensinar a escrever (o exercício de redação)". Dessa forma, podemos concluir que a escrita de si – o diário e a correspondência pessoal – se inscreve no contexto de um século que fornece instrução às mulheres ao mesmo tempo em que solicita delas grande rigidez moral. Os ensinamentos morais se fazem muito presentes na educação feminina do século XIX.

Por isso, através da escrita auto-referencial feminina, podemos entrever maneiras de viver, códigos e idéias que circulavam numa determinada época. É possível, enfim, o acesso aos espaços discursivos de um lugar e de um tempo, e à posição das autoras-personagens em relação aos mesmos.

Neste trabalho, analisaremos a correspondências de duas mulheres brasileiras da *Belle Époque*: Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite. Nascidas na mesma época – meados do século XIX – e pertencentes à elite – do açúcar e do café, respectivamente –, elas tiveram uma formação parecida e são exemplares no âmbito de uma geração de mulheres que vai ser educada – e experimentará o mundo – de uma forma bem singular para os padrões da época. Dessa forma, elas se aproximam e se distanciam tanto entre si, quanto em relação a outras mulheres de sua classe e de seu tempo.

O trabalho com correspondência permite um acesso muito especial à realidade daqueles que viveram um determinado período da história e deixaram o seu testemunho. O escrever cartas, exercício realizado na esfera íntima, é um dos poucos meios de expressão permitidos às mulheres do século XIX, circunscritas ao espaço doméstico e impedidas de se pronunciar publicamente. Partimos aqui do pressuposto de que a leitura da correspondência de Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite aproxima o pesquisador da realidade feminina do século XIX, isto é, do papel social, do imaginário e da vivência das mulheres deste período. Em suas cartas, encontram-se registros (muitas vezes indiretos) de suas experiências, personalidades e opiniões sobre o mundo em que viveram. Nesse mundo, o recato, a abnegação e a dedicação à família são virtudes atribuídas às mulheres, que, ao mesmo tempo, assumem um novo papel, bem mais independente.

Sobre Flora de Oliveira Lima, a documentação consultada foi a correspondência mantida entre ela e Max Fleiuss, somando um total de 56 missivas, escritas entre 1930 e 1940 e arquivadas no IHGB.

Sobre Eufrásia Teixeira Leite, foram utilizadas como fonte 28 cartas que ela escreveu a Joaquim Nabuco, entre 1876 e 1887, arquivadas na Fundaj.

As cartas de Flora de Oliveira Lima

Educação entre quatro paredes: a prisão do espaço privado

A extrema polarização entre caracteres masculinos e femininos promovida pela sociedade burguesa elege, como seu centro definidor, a faculdade maternal – física, psíquica, social – da mulher. É essa faculdade que se contrapõe ao papel masculino de provedor e chefe de família, enfim, de sujeito político. As funções atribuídas à mulher, ou seja, os afazeres domésticos, a educação dos filhos e a dedicação ao marido, deveriam ser exercidas na esfera íntima, no recato do lar e, portanto, longe do espaço público, dos "perigos da rua" (GRAHAM, 1992).

Restritas ao núcleo familiar, à célula básica da unidade social brasileira (a casa-família), a mulher estava comprometida com ideais de recato, docilidade e obediência ao pai e depois ao marido. Era no espaço privado doméstico que a mulher deveria exercer seus talentos naturais de "anjo do lar" (TELLES, 1997) (esposa dedicada, mãe e educadora dos filhos). Assim, se os homens eram convidados a agir na esfera pública, às mulheres era negada, em princípio, a possibilidade de tomar qualquer partido em questões políticas.

A pernambucana Flora Cavalcanti de Albuquerque já não era tão jovem quando, em 1891, aos 28 anos, casou-se com seu conterrâneo, Manuel de Oliveira Lima. Para Flora, que, dentro dos padrões da época, já tinha uma idade bastante avançada para conseguir um noivo, tal união representou a concretização de uma possibilidade já remota de casamento. Dentro do contexto de destinação privada das mulheres, o casamento representava uma etapa essencial, o cumprimento bem-sucedido dessa destinação, ou, segundo Rachel Soihet, "o ideal mais avançado de realização feminina" (SOIHET, 1997). Nesse sentido, podemos dizer que a união com Oliveira Lima significou não ter de viver a solidão da mulher afastada do núcleo familiar, núcleo este que é o "lugar privilegiado das relações entre sexos e fundamentos da ordem social" (ARNAUD-DUC, 1991, p. 177). Casada, ela não teria mais de viver na casa do pai, sob a condição anômala e deslocada de mulher madura, porém solteira, "fracassada" por não constituir sua própria casa-família. Casando-se, a vida de Flora avançaria, como tudo previa, da superproteção exercida pelo pai para a superproteção exercida pelo marido.

Além disso, o jovem Oliveira Lima, então com 24 anos, não era, de forma alguma, um mau partido. Rapaz estudado e ambicioso, ele prometia, como de fato aconteceu, tornar-se um bem-sucedido diplomata. Apesar de seu pai, comerciante português, não pertencer à elite aristocrática dos proprietários de terra pernambucanos, a família do noivo era abastada o bastante para habitar um sobrado, "símbolo de *status* mais visível e incontestado para o Recife Imperial" (MALATIAN, 2001, p. 38).

Se para Flora, devido às razões apontadas, o casamento foi bastante conveniente, para Oliveira Lima, especialmente em relação à construção de sua carreira, não foi diferente. Teresa Malatian descreve Flora Cavalcanti de Albuquerque como uma "sinhazinha de engenho", oriunda de tradicional família pernambucana ligada à atividade açucareira e a valores aristocráticos. Em sua condição de "sinhazinha", Flora "tivera uma governanta e mestra inglesa, Mrs. Rawlinson, a qual lhe proporcionara educação adequada ao exercício das funções de esposa de diplomata" (MALATIAN, 2001, p. 43). Na verdade, a educação transmitida por tutoras estrangeiras – inglesas e francesas principalmente – era comum às meninas da elite brasileira, que deveriam aprender a se comportar em sociedade e a ser agradáveis ao futuro marido, fosse ele quem fosse.

A genealogia aristocrática de Flora solidifica os laços do jovem com a oligarquia pernambucana, confirmando-lhe grande prestígio social e facilitando sua entrada e permanência na diplomacia.⁴ Se Oliveira Lima possuía os estudos e os "cabedais" necessários à sua ascensão profissional, é o casamento com a "sinhazinha de engenho" que estabelece a conexão definitiva deste filho de comerciante (próspero, mas ainda um comerciante) com o meio aristocrático pernambucano, legitimando o seu incontestado *status* social.

Enquanto cidadão, o marido de Flora de Oliveira Lima era, *por profissão*, um agente público de construção e composição do quadro político republicano, diretamente comprometido com o funcionamento de suas instituições e a construção de uma identidade nacional (MALATIAN, 2001).

O diplomata Manuel de Oliveira Lima foi rapidamente reconhecido enquanto grande intelectual, escritor e polemista. A ele caberia investigar a história – então intimamente associada aos grandes feitos políticos e diplomáticos, como a conformação do território nacional – e emitir sobre ela um discurso sintonizado com os ideais da nacionalidade em formação. Oliveira Lima ingressou no serviço diplomático brasileiro, em 1890, como Adido à Legação de Lisboa. Membro fundador da ABL, ele escreveu várias obras literárias, tratando, sobretudo, da história do Brasil e de Portugal. Entre elas, *Dom João VI, Sete Anos de República e Dom Miguel no Trono*. Seus pareceres políticos – não raro polêmicos, irônicos e agressivos – foram publicados em colunas de jornal, em livros de história, e finalmente, após seu falecimento, em suas memórias.

A expressão alcançada por Oliveira Lima no espaço público era, senão impensável, certamente inconveniente às mulheres em geral. Através da já mencionada educação "adequada" que recebeu, Flora torna-se uma mulher instruída, elegante e virtuosa, consciente dos códigos morais, religiosos e sociais, que informam seu papel enquanto mulher e esposa. Moral e virtude são aqui qualidades privadas e individuais, pelas quais as mulheres são investidas dos deveres sagrados da dedicação à família.

Dessa forma, uma mulher deveria saber o suficiente para tornar-se uma companhia agradável ao marido e para representá-lo bem socialmente. No caso de Flora, esposa de uma ilustre figura pública, era importante aprender a se comportar em sociedade: seguir regras de etiqueta, conhecer a arte do bem receber em festas e jantares, travar conversações inteligentes, inclusive com homens importantes. Em tais conversações, a demonstração de uma "inteligência em excesso" (TELLES, 1997), assim como a expressão de opiniões contundentes e agressivas, que ultrapassassem os limites educados da sugestão, sobretudo no que dissesse respeito a assuntos da esfera política, esfera de atuação dos homens, não convinham absolutamente. Dona Flora, como as mulheres de sua posição, deveria, através de sua boa educação e encantos pessoais, ajudar a manter a posição social de sua família, formando com Oliveira Lima um casal em muitos pontos peculiar. Primeiro, porque eram um casal sem filhos, que viajava pelo mundo, tendo vivido em países como Alemanha, Suécia, Inglaterra, Japão, Venezuela, Bélgica e Estados Unidos. Segundo, porque eram, pode-se dizer, um casal-vitrine da modernidade "civilizada" da *Belle Époque*.⁵ Vivendo uma espécie de modelo de união feliz e "avançada" com o marido, Flora de Oliveira Lima era, nesse sentido, um exemplo progressista da mulher brasileira.

Nessa união "avançada", Flora atuava como secretária do marido, trabalhando com e para ele, fosse tirando fotos, datilografando seus textos ou organizando e tomando conta de sua biblioteca (assunto que desenvolveremos mais tarde). Podemos dizer, então, que Flora se incumbiu da carreira e sobretudo da memória do marido, antes e depois de seu falecimento, fato que fica muito bem ilustrado através das fotos que tirava, de sua dedicação à Biblioteca Oliveira Lima, e de seu empenho na organização e publicação das memórias do diplomata. Estas memórias teriam sido não apenas organizadas, mas, suspeita-se, modificadas em muitos pontos pela dedicada esposa e secretária.⁶ Assim, podemos atribuir à trajetória de Flora mais uma singularidade e um caráter moderno: ela trabalhava, isto é, ela assumia responsabilidades e exercitava seu talento não apenas nos afazeres domésticos, mas em atividades que muito transcendiam os mesmos.

Isto não quer dizer que a "verdadeira educação, aquela que desperta personalidades e suscita questões" (DERMALE, 1991, p. 177), não estivesse presente em Flora de Oliveira Lima. Apenas, ela deveria manifestar-se em local adequado, que não extrapolasse a esfera íntima de quatro paredes. É nesse contexto que suas opiniões e interesses pelos acontecimentos da atualidade vão aparecer em suas cartas.

Durante esta pesquisa, foram consultadas 49 cartas, escritas entre 1930 e 1940, por Flora a seu amigo e compadre Max Fleiuss. Arquivada no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), essa é parte da correspondência trocada entre Flora de Oliveira Lima e Max Fleiuss durante 10 anos, sendo que o arquivo ainda inclui 7 cartas da autoria deste último, o que perfaz um total de 56 missivas. Todas elas, é bom notar, foram escritas após o falecimento de Oliveira Lima, que ocorre em 1928, nos Estados Unidos.

O casal Oliveira Lima foi viver em Washington, em setembro de 1920. Lima era então um diplomata aposentado, que, com seus posicionamentos não raro agressivos, fizera inimizades entre poderosos intelectuais e políticos da Primeira República, entre eles, Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco. Além disso, conforme ressalta Angela de Castro Gomes, o diplomata dera apoios políticos desastrosos para sua carreira, como o que contemplara Rui Barbosa e não Hermes da Fonseca, na campanha presidencial de 1909.⁷ Acolhido pela Universidade Católica da América (CUA), a quem doa sua biblioteca, o diplomata aposentado e desiludido foi viver uma espécie de exílio voluntário nos Estados Unidos, acompanhado, é claro, de sua devotada esposa. É nesse país que Oliveira Lima vive durante seus últimos anos e é enterrado, em 1928. A viúva Flora lá permanece durante longo tempo, até o ano de seu falecimento (1940), para cuidar da Biblioteca Oliveira Lima e ser enterrada ao lado do marido, como era desejo dele. É essa Flora, viúva e saudosa, residindo nos Estados Unidos e inteiramente dedicada à memória do marido, que se corresponde com o velho amigo e compadre do casal.

Secretário perpétuo do IHGB, Max Fleiuss ocupava posição estratégica nessa instituição, assim como no meio intelectual brasileiro. Ele era, para além disso, grande amigo e compadre do casal Oliveira Lima. As referências de Flora à afilhada – Maria Christina –, na correspondência, são tão freqüentes quanto carinhosas. Em uma das muitas cartas em que a menciona, Flora se despede do compadre mandando "lembranças afetuosas para todos os seus, especialmente a Christina".⁸ De fato, uma mulher do século XIX, de quem era esperado o cumprimento sagrado dos deveres da maternidade, e que "fracassara" em ter seus próprios filhos, devia considerar a afilhada de uma forma toda especial.

Se as cartas de Flora estão repletas de lembranças e saudades (especialmente quando se referem ao marido), elas também expressam, para além dos sentimentos e experiências individuais, pragmatismo e visão política.

Correspondência e espaço público

A reflexão e a experiência individual das mulheres são por vezes registradas (sem que isso fosse considerado impróprio ou escandaloso) em diários e cartas, meios lícitos de expressão feminina, uma vez que não seriam divulgados, não viriam a público. Por isso, a correspondência pode expressar, muitas vezes, "à revelia das autoras", opiniões e impressões proibidas, isto é, de cunho – direta e indiretamente – político ou feminista (MINDLIN, 2000, p. 194).

Em carta de 28 de outubro de 1930 a Max Fleiuss, a viúva de Oliveira Lima, que então residia em Washington (EUA), comenta os recentes acontecimentos políticos no Brasil. No caso, a Revolução de 30 é o "assunto palpitante"⁹ sobre o qual Flora tece comentários interessados e interessantes, demonstrando clara capacidade de

analisar fatos políticos e nos informando sobre algumas repercussões daquele acontecimento nos Estados Unidos. Assim ela escreve:

Felizmente, no dia 24, o telegrama anuncia a resolução tomada pelos generais e almirantes de maior valor nas nossas forças de terra e mar, de intimidarem ao Presidente que resignasse¹⁰ – o exemplo foi uma vez dado pelo nosso grande, pelo magnânimo, Dom Pedro II – como meio, o único, de evitar uma conflagração de todo o país.

Aqui, Flora traça uma comparação sugestiva entre a Proclamação da República e a Revolução de 30, no que diz respeito à "resignação" (no duplo sentido) dos líderes políticos derrotados: Dom Pedro II e Washington Luís, respectivamente. Ela faz o elogio à retirada pacífica desses chefes de Estado do poder, os quais souberam, dessa forma, evitar e/ou abreviar conflitos desestruturantes e derramamento de sangue. Além disso, foram capazes de reconhecer a inevitabilidade da derrota e o momento de se retirar, pacificamente e sabiamente, do poder. Atitude "magnânima", segundo Flora.

Na mesma carta, ela segue denunciando os interesses capitalistas dos "fornecedores de aeroplanos, armas, e gases asfixiantes", que estavam "delirantes com a perspectiva de grandes fornecimentos e grandes lucros", e teriam ficado "aborrecidíssimos" com a "cessão da luta fratricida". Tanto era assim, que nos Estados Unidos – nação " [...] amável, enquanto puder conseguir concessões de territórios (o maior dos perigos, dizia o Lima) e negócios altamente remuneradores", mas "desdenhosa e má quando não tiver nada a ganhar" em relação ao Brasil – foram publicados "artigos disparatados, dando como certo o esfacelamento do nosso império americano em republiquetas". Uma possibilidade que, segundo Flora, corresponderia aos anseios imperialistas dos americanos: "O gosto dessa gente, estou convencida, seria ver o maior país da América Latina dividido e subdividido para melhor governarem, tal qual governam as semi-republiquetas da América Central e Antilhas".

É possível notar nos trechos destacados a visão cética da esposa de Oliveira Lima em relação ao posicionamento norte-americano ante o Brasil e a América Latina em geral. Para os Estados Unidos, os países latino-americanos nada deveriam representar além de "republiquetas" divididas e subordináveis. Ávido de lucros, esse país ansiaria pelo caos e o desmoronamento da América Latina, em uma atitude quase perversa.

Mas o interesse de Flora pelos assuntos políticos e suas críticas aos Estados Unidos expressam-se na intimidade da carta, quase como desabaços com um velho amigo, que está no Brasil no momento do evento comentado. Consciente do papel e do espaço de atuação limitados atribuídos a ela enquanto mulher, Flora demonstra saber que quem estaria capacitado a fazer alguma coisa a respeito das "descabidas" maledicências norte-americanas, a agir, enfim, na esfera pública, seria apenas o seu

"idolatrado Lima":¹¹ "Fosse o Lima vivo, mesmo sem ser embaixador, e eu estou certa de que teria respondido tais malévolas asserções por sua própria conta e risco".¹² Certamente a "resposta" de Oliveira Lima seria publicada em artigos de jornais norte-americanos, ganhando visibilidade. A resposta de Flora, porém, fica restrita às cartas que escreve ao "compadre" Max Fleiuss, cartas que, segundo ela própria, são o conteúdo de suas "lenga-lengas enfadonhas".¹³

Mas há outros exemplos das preocupações e opiniões políticas de Flora, "desabafadas", de forma mais ou menos explícita, em diversas cartas dirigidas a Max Fleiuss. Entre elas, é interessante destacar a carta datada de 18/1/1931, na qual a autora, além de evidenciar que se mantinha muito bem informada sobre o que se passava no Brasil, tecia comentários sobre o entusiasmo popular com "o novo governo".¹⁴ Segundo ela, esse fato contrastava com a "frieza e a indiferença" com que foi recebida a Proclamação da República em 1889.¹⁵ Por essa razão, Flora vê nos acontecimentos brasileiros de 1930 o exemplo de uma tendência geral, que supõe estar em curso na América Latina. Uma tendência ao amadurecimento político e afirmação ante o intervencionismo estrangeiro, e em especial, o norte-americano, que o Panamá ilustraria muito bem:

Mas um sopro de regeneração varre a nossa América Meridional. Viu? Até o Panamá! Li no *Pbst* [...] que se os americanos tivessem ousado intervir em favor do governo estabelecido que os revolucionários queriam derrubar, estes teriam trucidado o Presidente e toda a sua família. Isto afirma desejo de independência e ódio à intervenção estrangeira, até mesmo nas "semi-repúblicas", como lhes chamava o Lima, a estas tuteladas pelos Estados Unidos.

Por isso mesmo, Flora comemora o fim da missão naval norte-americana, que aconteceria no fim daquele mês de janeiro, no Panamá: "Ainda bem! Que Deus assim permita e que também nos livre dos contrabandistas franceses que compõem a missão militar."

Suas análises se estendem às conseqüências políticas e econômicas que os movimentos dos países latino-americanos, e particularmente do Brasil, trariam aos Estados Unidos, o que evidencia uma reflexão que nunca dissociava o Brasil dos demais países da América do Sul, de um lado, e da política (interna e externa) dos Estados Unidos, de outro.

[...] O triunfo da Revolução de Outubro repercutiu de um modo [salutar] – não digo somente a nossa, mas também a argentina – sobre as últimas eleições de novembro aqui (em Washington) para a renovação do Congresso. Os capitalistas parecem ter tido medo de lançar na liça o peso do ouro, de sorte que os democratas, adversários do governo, puderam eleger quase que a metade do Senado e da Câmara.

Os comentários de Flora, contudo, perdem o entusiasmo quando se referem à "muita economia que se poderia fazer na nossa representação no estrangeiro. Para

que tantas legações e embaixadas absolutamente inúteis [...]?" Aí, mais uma vez, ela lamenta a morte do marido: "Só o Lima seria capaz de fazer a reforma do corpo diplomático, nenhum outro. Só ele com seu espírito claro e senso prático". Praticidade, aliás, não atribuída às mulheres, criaturas tidas como emotivas por natureza (SOIHET, 1997).

Salas e salões: o espaço público e o espaço privado

Como mulher que cuidava da imagem social de um homem público, representante do Brasil no estrangeiro, Flora deveria conhecer muito bem a arte de servir e receber. Deveria ter a habilidade de criar em sua "sala" um ambiente adequado ao meio social em que Oliveira Lima circulou como diplomata. Um meio que possuía um ritual próprio, "civilizado", de boas maneiras, gestos e manifestações adequadas das emoções e intenções, com fórmulas específicas de demonstração dos afetos (SCHWARCZ, p. 1998).

As casas da elite se abriram para receber amigos, parentes e pessoas de destaque social. Bailes, jantares, saraus, recepções e jogos eram organizados nas salas de visita e salões, espaços intermediários entre o público e o privado (BICALHO, 1989). Lugares demarcados de reunião dos expoentes da alta sociedade, e que por isso adquirem, para além da feição social, uma feição política (SCHWARCZ, 1998).

A esposa do historiador-diplomata Oliveira Lima recebia e era recebida nos meios políticos, acadêmicos e literários em vários lugares do mundo. Ela travou conhecimento com os "amigos do Lima", que são mencionados em suas cartas a Max Fleiuss, como o Conde Afonso Celso, o ministro peruano Dr. Victor Maúrtua, o Dr. Brown Scott, Fidelino Figueiredo, Tasso Fragoso, Machado de Assis, entre muitos outros. Ao mencioná-los, Flora deixa claro como, entre eles, forma-se uma rede de sociabilidade que incluía não só termos específicos de linguagem social, como já foi dito, mas também solidariedade e troca de favores. E mais ainda, percebemos em suas cartas como ela consegue se inserir nessa rede através do marido, e permanecer como parte dela mesmo após enviuar.

Convidada a participar do Comitê Interamericano Feminista, Flora recebe de Max Fleiuss a informação "seguríssima"¹⁶ de que "sua ida a Havana (onde se realizou o encontro) partiu do ministro do Peru, Dr. Victor Maúrtua, que foi muito amigo do Lima e se mostra seu muito admirador. Foi ele que se interessou com o Dr. Brown Scott e junto ao Mangabeira pela sua escolha". A tal afirmação, a viúva responde: "Eu não sabia que o Dr. Maúrtua ainda se lembrava de mim. Eu sei que ele era admirador do Lima enquanto vivia; mas como dizem os franceses – '*les morts vont vite*'.¹⁷ Mas "os mortos" como Oliveira Lima não se vão tão rápido assim, e Flora o sabia:

Em Havana era ele, sempre ele que estava diante dos meus olhos. Todos a quem me apresentavam – Ministro de Estrangeiros Dr. Martinez Ortiz, internacionalistas, professores – todos

se referiam a ele e conheciam seus trabalhos. Nenhum brasileiro, a não ser Nabuco, alcançou jamais tal renome no estrangeiro.¹⁸

Flora aparece aqui, e em vários outros trechos da correspondência estudada, como em "admirável e interessante" – para repetir os termos utilizados por Max Fleiuss – esposa do diplomata Oliveira Lima. Interessante o suficiente para continuar travando, depois de viúva, relações com os homens do meio intelectual no qual fora introduzida através do marido.

Nessa rede de sociabilidade, na qual Flora não seria, em princípio, uma pessoa de destaque, mas um prolongamento de Oliveira Lima, ela consegue habilidosamente se manter, desenvolvendo uma personalidade própria. Tanto é assim que, transcorridos 12 anos da morte do marido, Flora de Oliveira Lima continua a se corresponder com seu "compadre e amigo" Max Fleiuss, o qual fora "dos mais leais amigos do meu Lima, e certamente tem provado ser meu".¹⁹ Sua última carta ao "compadre" tem por objetivo apresentá-lo ao "grande economista"²⁰ Dr. Constantine McGuire, "grande amigo que foi do meu marido, e cujos conselhos nunca faltaram sempre que a ele recorri". Datada de 8/8/1940, a carta foi escrita menos de uma semana antes do falecimento da viúva, o que demonstra a regularidade e a profundidade desse relacionamento.

Habilidades singulares de uma esposa-secretária

Em carta a Oliveira Lima, o jovem solteiro Gilberto Freyre promete fazer uma visita, afirmando aguardar com prazer participar do "encanto do lar" do destinatário: "dos poucos que me fazem pensar com otimismo da vida de casado e da vida em geral".²¹

Casada em 1891, Flora de Oliveira Lima viveu, desde então, acompanhando o marido em diferentes lugares do mundo: Berlim, Londres, Tóquio, Caracas, Bruxelas e Washington, local onde ela faz questão de ser enterrada ao lado do esposo: "O que me prende aqui é que eu quero ser enterrada no meu lugar ao lado do meu Lima".²² São muitos os países em que o casal se estabeleceu; são muitas as viagens e lares de dona Flora.

Mas, mesmo mudando constantemente de endereço, a mulher de Oliveira Lima consegue criar um ambiente doméstico encantador, segundo o próprio Gilberto Freyre, a ponto de inspirar um homem ao casamento. Se a construção de um belo lar é uma virtude e um dever feminino, a estratégia de construção de um lar – e um belo e aconchegante lar –, em constante migração, era mais uma das singulares virtudes de Flora de Oliveira Lima. Uma mulher com uma vida bem especial, que desenvolve habilidades com grande competência.

Outro bom exemplo das habilidades desenvolvidas por Flora em decorrência de seu casamento, no sentido de ser útil e solidária às necessidades específicas do

marido escritor e diplomata, são as de competente arquivista e secretária. Flora tirava fotos com sua Kodak, copiava textos, organizava trabalhos, se ocupando, em grande medida, da carreira e da memória do marido. Nesse aspecto, devemos destacar o trabalho longo e dedicado de Flora na Biblioteca Oliveira Lima.

O diplomata brasileiro, em exílio voluntário nos Estados Unidos, é acolhido pela Universidade Católica de Maryland, à qual doa sua biblioteca de 45.000 volumes, para a montagem de um centro de estudos ibero-americano. A *Oliveira Lima Library*, inaugurada em 1924, identificava o historiador brasileiro como bibliógrafo e mecenas, "disposto a tomar sua biblioteca um lugar de memória, vale dizer, de sua memória, mas também de uma memória da América Latina" (GOMES, 2004a, p. 68). O empenho, a dedicação e a contribuição de Flora nesse projeto do marido foram enormes, como ela mesma atesta em sua correspondência.

Após anos se dedicando à organização e conservação dos volumes da Biblioteca, a viúva quase se gaba da importância e dos resultados de seu trabalho em cartas a Max Fleiuss: "A *Lima Library* é hoje conhecida em todo o país [...] todos admiram como eu consegui transformar aquele porão em uma instalação tão bonita".²³

Ou ainda, quando o auxiliar da Biblioteca pede demissão "por não poder mais suportar as grosserias e maus tratos de um grupo de professores, [...] os quais entendem ter o direito de levar os livros para seus aposentos, não obstante a proibição expressa pelo doador", ela conclui, categórica: "no dia em que eu faltar, aquela coleção esbandalha-se".²⁴ No que Flora tinha em grande parte razão, pois depois de sua morte, em 1940, a *Oliveira Lima Library* tomou-se um arquivo subutilizado nos EUA e desejado por muitos pesquisadores brasileiros.

As cartas de Eufrásia Teixeira Leite

Uma trajetória singular

O século XIX, como foi dito, é marcado pela ascensão de uma nova sensibilidade organizadora do mundo social: uma sensibilidade burguesa, caracterizada por ideais "civilizados" de autocontrole, individualismo e racionalidade científica. A modernidade civilizada da *Belle Époque* confere novos valores – que refletem as mudanças políticas, econômicas e sociais em curso – às vidas de homens e mulheres, transformando, de forma profunda, suas identidades. A relação entre os gêneros – o amor, o casamento, a família – sofre grandes mutações, na medida em que as próprias identidades sexuais são modificadas rapidamente, tornando-se por vezes incertas e estranhas aos contemporâneos aturdidos, e não raro perdidos, diante do novo mundo burguês, capitalista e cientificista que emergira.

Analisaremos agora a singular trajetória de Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930), mulher de família tradicional ligada à atividade cafeeira fluminense, que deixou o Brasil jovem, rumo a Paris – a então capital do mundo civilizado –, só voltando a seu país quando idosa. Na mocidade, viveu um longo romance com o famoso intelectual brasileiro Joaquim Nabuco, com quem nunca se casou.

Tendo permanecido solteira e sem filhos, Eufrásia levou uma vida independente em Paris, onde multiplicou a herança milionária recebida dos pais, investindo em negócios financeiros. Para situar o caráter singular de sua trajetória enquanto mulher solteira por opção e dedicada a atividades econômicas no advento da modernidade, investigaremos a relação amorosa de Eufrásia com Nabuco. Essa foi uma relação que envolveu noções modernas como a amizade e a compatibilidade entre casais que se relacionam por escolha e não mais pela tradição ou por imposições familiares. Nessa investigação, utilizamos como fonte 28 cartas, escritas entre 1876 e 1887, enviadas por Eufrásia a Nabuco e arquivadas na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj – Recife). Quanto às cartas de Nabuco à "amiga", elas se perderam, só restando aquela em que o intelectual rompe o longo relacionamento que durara mais de 10 anos.

Eufrásia Teixeira Leite nasceu em 1850, no interior fluminense, na cidade de Vassouras, então no apogeu da atividade cafeeira e da prosperidade econômica. Seu pai, Joaquim José Teixeira Leite, era filho do barão de Itambé e irmão do barão de Vassouras. A mãe, Ana Esméria, descendente da tradicional família Correia e Castro, era filha do barão de Campo Belo. A ancestralidade de Eufrásia nos dá idéia do quão aristocrata e poderosa era sua família, os Teixeira Leite, cuja riqueza se ligava à cafeicultura fluminense e ao poder dos políticos saquaremas do Segundo Reinado.

Eufrásia era a filha mais nova do casal. O primogênito, Francisco, morrera na infância, e a outra irmã, por volta de cinco anos mais velha que ela, chamava-se Francisca. As irmãs Teixeira Leite receberam uma educação esmerada, própria às jovens bem nascidas do século XIX: freqüentaram uma escola para moças em Vassouras, dirigida pela francesa madame Grivet. Receberam lições de francês, bordado e piano, e aprenderam como comportar-se em sociedade, qual duas "sinhazinhas" da elite escravocrata do café.²⁵

Aos 21 anos de idade, Eufrásia perdeu a mãe e, no ano seguinte, 1872, o pai. Ela e a irmã herdaram então uma imensa fortuna.²⁶ Ricas, órfãs, solteiras e maiores de idade, as irmãs resolveram deixar a província para ganhar o mundo. Resolvem se mudar para Paris. É interessante notar que, com mais de 20 anos de idade, Eufrásia e Francisca ainda não haviam se casado. E eram, afinal, dois bons partidos. Bem-educadas e ricas, o dote não representava absolutamente um problema para ambas. Contudo, sem dúvida, já passavam da idade de casar. Miridan Knox e Hildete de Melo levantam a hipótese de que o pai das moças temesse casamento desastroso com algum aventureiro dilapidador da fortuna da família. Ou seja, o pai nunca teria

se interessado em "arranjar" casamento. Tanto é assim que, em seu testamento, estabelece a inalienabilidade de dois terços da herança (FALCI; MELO, 2002).

Em 1873, a bordo do *Chimborazo*, navio que a levava para a Europa, Eufrásia, com 23 anos, envolveu-se amorosamente com Joaquim Nabuco, jovem de 22 anos, que completara há pouco seus estudos e resolvera, como Eufrásia, partir em busca do mundo. A Europa era o centro da civilização burguesa da *Belle Époque* e o centro de referência da elite intelectualizada e cosmopolita brasileira.

Ao desembarcar, o jovem casal apaixonado desejava se unir imediatamente, e Nabuco solicita ao pai que providencie o mais rápido possível os documentos necessários ao casório. Meses depois, no entanto, após uma crise de ciúmes, Eufrásia rompe com o noivo (VIANA FILHO, 1952). Seria o primeiro rompimento de uma série de desencontros e reconciliações que duraram mais de uma década e tiveram um desfecho infeliz.

Uma relação de amizade

Com o surgimento do discurso iluminista, marcado por ideais universais de racionalidade e de igualdade entre os homens, nasce um novo sujeito histórico: um sujeito "universal", cuja identidade e posição no mundo não eram mais ditadas pela tradição ou pelo nascimento. É ele que fará sua história, construirá sua identidade, escolherá sua ocupação, sua vida, seu cônjuge.²⁷

Segundo Anne Vicent Buffault, foi ao longo do século XVIII que se desenvolveu "a ascensão do casamento por amor [...] (em que) o rapaz é autorizado a fazer sua corte. Esse período, que precede o compromisso definitivo, assume um novo valor: a compatibilidade de gênios é então posta à prova" (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 152). Desta forma, a amizade entre os casais, entre duas pessoas que se aproximam, se escolhem e se casam – ou não – por vontade própria, e não por imposições familiares, marca as relações amorosas da sociedade burguesa.

Registros de amizade e cumplicidade entre Eufrásia e Nabuco permeiam toda a correspondência analisada em trechos diversos. Sete das 27 cartas escritas por Eufrásia começam pelo vocativo "Meu bom amigo", ou "Amigo Senhor Nabuco". O restante, talvez pela incerteza quanto ao modo mais adequado de se referir ao amado, é iniciado sem qualquer vocativo. Também são muitas as cartas terminadas em "creia-me sua amiga". Na única carta que se conservou entre as escritas por Nabuco, ele se despede dizendo: "Adeus, sempre seu amigo verdadeiro Joaquim Nabuco".²⁸

Nessa longa relação amorosa entre duas pessoas não casadas, relação essa marcada pela amizade, as fronteiras entre amor e amizade por vezes se confundem, e os amantes parecem não ter muita certeza de como se referir um ao outro ou classificar o seu relacionamento. Em carta de julho de 1876, Eufrásia se despede escrevendo: "tomo o nome que falseio um pouco a dar-me dizendo-me sua amiga".

Em outra ocasião, ela se confunde quanto à maneira mais adequada de se referir ao envolvimento com Nabuco: "Repare bem e confira que nessa nossa – como dizer? – história, cedi sempre [...]".²⁹

Mas a cumplicidade entre eles – base do sentimento da amizade – se faz notar em muito trechos, como esse: "Escreva-me sempre tudo o que lhe passar pela cabeça, tolices como tristezas, o que faz, como se diverte, o que conta fazer, o que precisa".³⁰ Ou ainda: "[...] escreva-me tudo o que lhe passar pela cabeça, com toda a confiança. Desejo tanto saber o que pensas".³¹

O sentimento entre os dois é tão íntimo, tão cúmplice, que deve excluir as demais pessoas: "Peço-lhe ainda e mais uma vez que não diga nada a ninguém a respeito de nossa correspondência. Ainda assim e inteiramente entre nós nos é tão difícil entendermo-nos, o que seria se nisso se metessem pessoas que não a podem compreender, julgar, ou sentir".³²

Se hoje o casamento por tradição ou conveniência pode parecer uma abominação, uma infelicidade terrível, o casamento por escolha também envolve dificuldades: a dificuldade diante de uma quantidade ilimitada de possibilidades em aberto.³³ Escolha implica decisão, responsabilidades e riscos a assumir, o que nem sempre é fácil. A modernidade confere ao sujeito não só a decisão acerca de com quem se casar, como a possibilidade de permanecer ou não solteiro, por opção.³⁴

A escolha de Eufrásia foi muito problemática, pois não tendo decidido casar-se com Nabuco, também não se decidiu por abrir mão dele. Problemática, além disso, foi a "compatibilidade de gênios" entre ela e o "amigo", que lutaram, em vão, durante 13 anos, para se acertarem. Talvez essas dificuldades sejam a melhor chave para se explorar a correspondência amorosa entre os dois.

As cartas de Eufrásia: registros de um malogrado romance

Ao desembarcar na Europa, em fins de 1873, o casal apaixonado só pensava em se casar. O velho conselheiro Nabuco aprova a escolha do filho e atende a seu pedido de providenciar os papéis o mais rápido e discretamente possível. Luiz Viana Filho, biógrafo de Nabuco, chama a atenção para o fato de que o barão de Vassouras, escravocrata e conservador, certamente não ficaria entusiasmado com a escolha da sobrinha, sua ex-pupila, em se unir a "um homem dado a extravagantes idéias liberais e abolicionistas", e, talvez por isso mesmo, os noivos tenham mantido a decisão de se casarem no maior sigilo (VIANA FILHO, 1952, p. 47-48). É interessante observar aqui que caberia inteiramente a Eufrásia a escolha de seu cônjuge: mesmo contrariando os desejos do tio – a figura masculina cuja autoridade mais deveria pesar, agora que seu pai morrera –, a moça sustenta sua decisão, sem o consentimento da – ou sem sequer comunicar à – família. T tamanha emancipação não é apenas um sinal dos tempos. A verdade é que a trajetória de Eufrásia teve um caráter muito singular, uma vez que era uma mulher milionária, residindo em Paris, indepen-

dente da família. Certamente sem tais condições de autonomia, ela não teria tanta liberdade de ação. De qualquer maneira, a simples possibilidade do aparecimento de uma mulher com tamanha independência já denota que uma grande ruptura social e cultural se apresentava.

Na virada do ano de 1873, porém, quando todos os documentos já haviam sido enviados, deu-se o primeiro rompimento entre o casal. O velho Nabuco, aborrecido, depois de todo o trabalho inútil e as expectativas frustradas, escreve uma carta ao filho não tanto repreendendo-o, mas aconselhando-o:

Vejo o que dizes sobre o teu casamento. As tuas palavras – “mas as aparências são contra mim” – me deram a chave das cenas de 30 de dezembro e primeiro de janeiro (referindo-se às cenas de ciúme de Eufrásia). Não te queres sujeitar às condições de noivo, não tomas a sério o compromisso que tens, e pois não deves estranhar que tuas aparências, ou infidelidades aparentes, convertam em ódio o amor que gerastes [...].

Se não tens amor a tua noiva não cases, não a faças infeliz. [...]. Meu filho, olha para a realidade das cousas, segura-te a ti mesmo neste mundo de inconstâncias e vaidades. Teu pai.³⁵

Se ao barão de Vassouras nem fora comunicado o casamento, o conselheiro Nabuco também não exerceu grande interferência em relação ao mesmo, resumindo-se a felicitar, para depois lamentar, a decisão do casal. Esse, segundo o conselheiro, para ser feliz, deveria casar-se por amor.

Noivado rompido, Nabuco parte para a Itália, para onde, algum tempo depois, se dirige Eufrásia. O casal se reconcilia, mas, sempre que voltam ao assunto casamento, “o pomo da discórdia” entre os dois,³⁶ se desentendem. Tudo indica que Eufrásia não queria morar no Brasil depois de casada, e Nabuco, não dispondo de meios e não tendo atividade profissional com que se estabelecer na Europa, não queria ficar morando em Paris, à custa de uma esposa rica. Ambos, irredutíveis em suas posições, acabam provocando um novo rompimento na relação.

Nabuco volta ao Brasil em 1874, depois de um ano viajando pela Europa. O reencontro dos dois só aconteceria em 1876, quando ele retorna à Europa, antes de partir para Washington, onde daria início à sua carreira diplomática.³⁷ Segundo Luiz Viana Filho, nos poucos dias que permaneceu em Paris, Nabuco teria se mostrado tímido e embaraçado diante de Eufrásia, a quem, não tendo coragem de revelar seus sentimentos pessoalmente, enviaria um bilhete, pouco antes de partir.³⁸

A primeira carta de Eufrásia a Nabuco é escrita nessa ocasião em resposta ao bilhete recebido. Suas palavras são expressivas, repletas de sinceridade, e permitem uma boa aproximação do dilema amoroso que viviam:

Meu bom amigo, vou falar-lhe com toda a franqueza e com inteira confiança. Sua carta deixou-me inteiramente embaraçada. Estou agora no estado de alma o mais aflitivo possível e não consigo discernir bem os meus sentimentos. Eu lhe escreverei aos Estados Unidos. Prometi não afligi-lo mais, esperava poder cumprir minha promessa, se soubesse o quanto me custa escrever esta carta. [...]
Cria-me sua amiga, E. Teixeira Leite.³⁹

Nabuco então adia sua partida, esperando que Eufrásia desse uma resposta definitiva às suas pretensões amorosas (VIANA FILHO, 1952, p. 64), o que ela não se mostra capaz de fazer:

Falei-lhe com toda a franqueza na minha resposta, não poderia dizer o que não sabia. Se pareceu-lhe um enigma assim como todas as minhas outras cartas, é que então sou um enigma eu mesma; é demais a opinião de muita gente, que não compreende como eu não sou a mais feliz das criaturas. Parece-me que para isso só me falta ser como todo mundo.⁴⁰

As palavras de Eufrásia a Nabuco são normalmente bastante contidas e até secas, para uma "amiga" tão especial. O trecho destacado, porém, destoa pelo tom francamente irritadiço e triste de uma confissão dolorosa: ela não é feliz, e isso porque não é "como todo mundo". Milionária e independente, Eufrásia tem diante de si um universo de possibilidades bem mais amplo do que aquele que se afigura para a maioria das pessoas, e sobretudo para as mulheres de sua época. Poderia ir para onde quisesse, casar teoricamente com quem desejasse. Afinal, além de ter liberdade para isso, não deviam ser poucos os pretendentes à mão de uma bela senhora rica. Mas, é infeliz. Diante dessa situação, ela não conseguiu, em 1876, como não conseguiria dez anos mais tarde (em 1886), tomar uma decisão que a faria feliz: casar-se com o homem que amava. Como vínhamos sustentando, a escolha é problemática para o sujeito moderno, pois, em contrapartida à liberdade, existe a dúvida – o questionar-se, o tomar para si responsabilidades e riscos.

O impasse entre os "amigos" parece ser mesmo: o local de moradia após o casamento. Eufrásia sustenta sua posição claramente:

Não exigi nem exigirei nunca que se sacrifique por mim, e não serei eu que o impedirei de cumprir os seus deveres; se o fizesse o senhor teria toda a razão em recusar-se a isso. O que pareceu-me quase impossível seria habitar meu País, ser lá feliz, ou, o que é muito mais importante, fazer a felicidade de outra pessoa, tinha tão tristes lembranças dele.⁴¹

É interessante notar que durante o século XIX, ao mesmo tempo em que se vinculavam idéias a respeito da "natureza" dócil e dos deveres domésticos das mulheres, idéias essas justificadas por princípios filosóficos, positivistas ou científicos, as mulheres se tornavam cada vez mais independentes. Os discursos e movimentos feministas que surgem então convivem com os discursos – positivista e higienista –

que pregavam as virtudes da mulher enquanto "anjo do lar". Isso ocorre no contexto de uma época perpassada por bruscas transformações que remodelam a identidade do indivíduo. Assim, enquanto alguns lutarão para manter o modelo anterior (o da mulher submissa), ainda que sob novas justificativas, baseadas na "razão" e na "ciência", outros lutarão por um novo espaço e identidades sociais. No século XIX, era o discurso conservador que ainda predominava em relação às mulheres, donde Eufrásia pode ser contada entre aquelas que frustraram as expectativas sociais então vigentes.⁴² Ela não abdicaria de permanecer no centro da civilização, recusando-se a voltar ao Brasil para acompanhar o homem que amava. Contrariava com isso o esperado: o papel de mulher dócil, abnegada e companheira que renuncia a seus interesses e desejos próprios pelo marido. Eufrásia, entretanto, não abre mão de suas vontades, como ela mesma escreve. Se Nabuco não devia se sacrificar por ela, ela também não se sacrificaria por ele. Mas, se por um lado Eufrásia não abre mão de seu desejo de permanecer na Europa, por outro, não consegue abrir mão de Nabuco, com quem se relacionaria por uma década, até que ele rompesse definitivamente o namoro. Como já dissemos, a escolha de Eufrásia é problemática.

O conselheiro Nabuco estranha aquele amor marcado pelo impasse e escreve ao filho: "Então não casaste? Eu e o José Caetano atribuímos a culpa a ti que não tens o *savoir vivre* [...]. Deixastes de casar com uma mulher que te ama loucamente e a quem já conheces e podia dominar".⁴³ Assim, se o filho não conseguira "dobrar" a noiva voluntariosa, faltara-lhe habilidade, *savoir vivre*, enquanto homem, para fazer valer suas vontades. Também por ocasião do segundo rompimento do casal, ainda em 1874, o "diagnóstico" de Nabuco pai fora bastante semelhante:

O caso que expusestes não merecia rompimento tão brusco e teu proceder supõe um espírito prevenido por qualquer motivo e ocasião. Podias responder à pretensão da Eufrásia com a pretensão de vires ao Brasil sem ela, para voltar quando te conviesse ou podias tomar esse propósito sem manifestá-lo, *in mente respotum*. É natural que chegando a ocasião ela, que como dizes, te ama, não deixasse de acompanhar-te. O casamento há de modificar o gênio dessa menina: não te devias levar pelo que ela hoje diz antes de casada (apud VIANA FILHO 1952, p. 56).

Na opinião experiente e prudente do conselheiro, o casamento poderia ser um bom remédio para o gênio voluntarioso de Eufrásia. Um trunfo que, aliado ao tempo, permitiria que Nabuco pudesse dominá-la. E, se não a tinha dominado ainda, casando-se com ela, era porque lhe faltara o *savoir vivre*. Essa visão, de que ao apaixonar-se e casar-se a mulher abriria mão de sua individualidade em prol da dedicação ao marido e aos filhos, é comum no século XIX. Mas tudo indica que esse não era o caso de Eufrásia. Tanto que a escrava Cecília Bonfim, que fora sua mucama durante boa parte de sua vida, explicou o porquê da ama não ter se casado, afirmando que era muito autoritária e voluntariosa para isso: "quando ela queria alguma coisa, ela conseguia. Não podia sujeitar-se a homem nenhum" (apud CATHARINO, 1992, p. 128).

Insatisfeito com a estada nos Estados Unidos, Nabuco tiraria licença das atividades diplomáticas e partiria novamente para a Europa, em 1877. Escreve, então, uma carta a Eufrásia, a qual não esquecera, combinando de visitá-la, com o sugestivo pretexto de ler-lhe o romance *L'Opition* (VIANA FILHO, 1952, p. 71). Eufrásia também não o teria esquecido e responde: "Ouviremos (ela e a irmã) com muito prazer o seu drama e as suas impressões sobre os Estados Unidos, não tema nos aborrecer, sabe bem que isso não acontecerá."⁴⁴

Mas Nabuco, entretido com os prazeres de Londres, se esquece do compromisso, marcado para o mês de outubro.⁴⁵ Eufrásia estaria esperando há um mês, quando lhe escreveu, em 23/11/1877, perguntando o que acontecera. Quando fica sabendo que o amigo estivera todo esse tempo em Londres, ela se zanga:

Acabo de receber as suas duas cartas que causaram-me a mais viva surpresa. Estava longe de supô-lo em Londres. Segundo uma carta que escreveu-me em agosto, o Sr. prevenia-me que chegaria a Paris em outubro [...]. Com efeito, viemos da Suíça, mais cedo do que desejaríamos, para esperá-lo ou encontrá-lo em Paris. [...]
Desejando deixar Paris, eu não quis fazê-lo sem saber antes quais eram seus planos de viagem. Não me parecendo educado que ao me procurar em Paris, não só não me encontrasse como não tivesse recebido uma palavra minha de explicação.⁴⁶

Esse trecho mostra bem que os sentimentos de Eufrásia por Nabuco estavam longe do desinteresse: ela voltara mais cedo de uma viagem e cancelara outra apenas para reencontrá-lo. Diante da negligência e, aí sim, do desinteresse do amado, Eufrásia é sutil e irônica, ao insinuar que não faria com ele a indelicadeza cometida contra ela. É interessante notar aqui o tom utilizado por Eufrásia, que, magoada, em vez de revelar seus sentimentos de forma aberta e explícita, é irônica e elegante: ela não perde a superioridade e revela um caráter altivo.

A carta tem um tom de repreensão e desilusão, mas termina com uma confissão, bastante discreta, de esperança e desejo de manter-se em contato com Nabuco:

Se com toda a sua boa vontade, estando nós dois há dois meses um em Paris e o outro em Londres, não nos pudemos ver, será agora difícil, estando eu aqui e não sabendo o Sr. o que vai fazer. [...]
Se desejar escrever-me, dirija à Legação do Brasil em Madri.⁴⁷

A carta seguinte que se encontrou, escrita por Eufrásia, é datada de 1884. Portanto, quase seis anos depois dessa última. Talvez existam cartas, por ela enviadas durante esse longo interregno, que se perderam, ou talvez os "amigos" tenham ficado de fato, depois do último fiasco, sem se corresponderem. Luiz Viana Filho não menciona qualquer participação de Eufrásia na vida de Nabuco, que chegou a morar em Londres entre 1881 e 1884, durante esse período. Até que, quando estava de regresso ao Brasil, depois de sua longa estada em Londres, Nabuco "antes de partir,

e numa prova de que ela ainda o atraía, foi a Paris, onde estava Eufrásia" (VIANA FILHO, 1952, p. 106).

O rápido reencontro dos dois, depois de tanto tempo, mexeu claramente com ela:

Quanto sinto ter estado ausente quando veio a Paris e ter perdido dois dias de sua estada aqui. E sobretudo sinto não tê-lo visto como desejava e como esperava, com a confiança de velhos amigos que se encontram depois de tanto tempo. Tenho consciência de que deixei-lhe muito má impressão e que devia ter achado ainda maior mudança no meu espírito que no meu físico.

A espécie de entorpecimento que causou-me sua presença, tirou-me todos os meios, não soube o que dizer, o que fazer. [...] Que triste foi esse rápido encontro que nos perturbou sem nos satisfazer.⁴⁸

Porém, em 1885, Eufrásia voltaria ao Brasil por alguns meses. Ela e Nabuco, então, recomeçariam o romance.

Na ocasião, Nabuco concorrera a deputado pela Província de Recife e, depois de um atribulado processo eleitoral, o reconhecimento de sua vitória dependia do julgamento da Câmara. Por isso, Nabuco embarca para a Corte, onde se encontrava Eufrásia. Em maio de 1885, a Câmara, dominada pelos conservadores, determina a "degola" do liberal Nabuco. Segundo Luiz Viana Filho, Eufrásia estivera presente nesse momento difícil, apoiando Nabuco: "em doze de maio, as portas do parlamento abriam-se para o conselheiro Portela (o candidato conservador que concorrera contra Nabuco). Nesse dia, solidária com o homem que amava, Eufrásia ocupou um dos lugares nas tribunas da Câmara" (VIANA FILHO, 1952, p. 123).

Novas eleições foram marcadas para 15/1/1886, e Nabuco deveria voltar a Pernambuco, onde disputaria o pleito. Mas ele adiou sua volta até dezembro, deixando-se ficar com Eufrásia no Rio.⁴⁹ No dia em que o amado partiria, Eufrásia escreveu-lhe simplesmente: "Eu te amo de todo o meu coração. Eufrásia. 8 de dezembro de 1885, Tijuca."⁵⁰

Para desapontamento de Nabuco, entretanto, Eufrásia resolve retornar à Europa antes da realização das eleições. Mas logo se arrepende e, antes do navio atracar, ela escreve:

Não imagina que tristeza, que saudades e que arrependimento de ter deixado o Brasil. Quando penso que em janeiro poderíamos vir juntos, ao menos poderia ter notícias suas, de sua eleição, saber o que se passa, o que vai fazer, e não estar inquieta como estou, temendo que lhe aconteça alguma cousa, não sabendo como e quando nos veremos. Eu me pergunto o que vou fazer em Paris, que vida será a minha, como vou estar lá isolada, e me desespero pensando que para voltar ao Brasil é preciso fazer essa horrível viagem [...].

Eu espero que apesar de tudo vença a sua eleição. Eu não me consolaria de ter sido a causa de sua demora e portanto de não ser eleito, mas lembre-se de que todo o tempo eu lhe dizia para partir.

Que saudades da Tijuca, como me lembro de tudo [...]. A dias mais felizes não poderia suceder mais tristes. Maior contraste não é possível, ainda estou atordoada de tudo o que se passou esse mês e não posso pensar até que ponto essa estada na Tijuca me foi funesta apesar de ter sido tão feliz.

Peço-lhe que nenhuma palavra minha o contrarie. Eu não estou lá para explicar, as minhas célebres complicações que lhe pareciam intermináveis.⁵¹

Cabe aqui a interrogação: se Eufrásia estava tão apaixonada e tão preocupada com o futuro de Nabuco, por que o deixara? São as "complicações intermináveis" de uma mulher que não pôde se decidir por sua felicidade. Tanto que em carta enviada em 22/1/1887, portanto após o rompimento, Eufrásia confirma isso:

[...] tenho mil saudades e nem penso em outra coisa senão na Tijuca e no Hotel dos Estrangeiros e em tudo o que se passou.

Tem razão em dizer que essa ansiedade o torna infeliz, eu que não pude tomar uma resolução que me faria feliz, e que tenho de recomeçar uma vida que me aborrece, não sou menos e, duplamente, pois não só tenho de sofrer, mas sobretudo fazer sofrer a quem só desejaria todo o bem possível.

Nas eleições, Nabuco foi derrotado. Por isso, Eufrásia irá se lamentar e se culpar. Afinal, ele não partira mais cedo para Pernambuco, a despeito dos conselhos de Eufrásia, para ficar com a namorada. Antes mesmo de saber do resultado do pleito (provavelmente Nabuco teria manifestado a ela seu pessimismo quanto ao mesmo), ainda a bordo do navio que a levava à Europa, Eufrásia havia escrito: "Espero, apesar do que me disse que vença a sua eleição, sobretudo pensando que contribuí ainda que involuntariamente para isso."⁵² Ele também a teria culpado por tê-lo abandonado em momentos tão decisivos: "Compreendo que esteja triste, descontente, mas o que não compreendo é que me acuse de tê-lo abandonado no meio da luta".⁵³

Impaciente, atravessando um momento difícil – de derrota e frustração políticas – Nabuco teria se recusado a embarcar para a Europa ao encontro de Eufrásia, a menos que ela finalmente tomasse a decisão de se casar; decisão essa, que, mais uma vez, ela não tomou:

É exato que não só no dia de Natal, como daqui, lastimei não ter ainda adiado a viagem para que a fizéssemos juntos e que desejei sua presença em Paris. Se lhe mandei um telegrama contrário, é que pedi-me expressamente para não lhe fazer vir senão nos casássemos imediatamente, dizendo-me que não convinha continuar a ver-me de outra maneira.⁵⁴

A recusa de Eufrásia, dessa vez, esgotou definitivamente a paciência de Nabuco, que, em 18/4/1886, magoado, rompe definitivamente aquela relação:

Eu tenho em meu poder diversos papéis, cartas e lembranças suas. Considero tudo isso como propriedade sua, e não se julgue em momento algum de sua vida ligada por nada que me diga respeito. Não deixe tão pouco dominá-la em relação a mim, a pena, que uma vez me exprimiu como sendo um obstáculo ao nosso casamento, de magoar com sua preferência, a outros pretendentes. Não hesite por uma consideração dessas em relação a mim dar um passo em sua vida. Eu por meu lado considero-me perfeitamente livre de qualquer compromisso e pretendo só guiar-me pelo meu coração.⁵⁵

Para sempre, tarde demais

A primeira carta que Eufrásia escreve a Nabuco após o rompimento, em maio de 1886, é repleta de orgulho. Ela não se lamenta e procura, inclusive, afetar certa indiferença:

Está bem entendido que só se deve guiar pelo seu coração, que hoje, como sempre, como em todas as ocasiões, está e esteve livre, que nunca, em momento algum, se sintia ligado a mim, que eu não o impeço, como nunca impedi, de fazer sempre o que entendia. Se não quiser ou quando não quiser as lembranças que tem minhas, mande-as. Quanto a sua correspondência, considero-a propriedade minha, como tal, guardo-a e por nada consentirei entregá-la. Não tenha susto, ninguém a lerá. Não creia que se desfizer do que conserva de mim ofenda-me, não por isso os meus sentimentos se alterarão de uma linha.⁵⁶

Menos de um mês mais tarde, porém, Eufrásia torna a escrever para o amigo distante:

Apesar de sua vontade expressa de não ter resposta e da intenção que estava de conformar-me a ela, não posso deixar-me de escrever algumas palavras, mesmo correndo o risco de não ser lida. Sabe que nunca, como ultimamente escrevi-lhe, pus-me no seu caminho, que nunca [...] tentei influir nas suas idéias, opiniões ou maneira de dizer ou fazer qualquer o que quer que seja [...]. Mas quando vi que estava escrevendo no País, temi o que estava acontecendo. É muito apaixonado, muito violento para isso, e, os que ataca, o atacam também [...]. Deus sabe o horror que toda esta política me causa, se alguma vez tomei interesse por ela, foi por si, apesar de dever ser sua adversária, mas o que quisera, se fosse possível, é que não fosse tão extremo [...]. Se me achar indiscreta por ocupar-me do que não me compete, desculpe-me em favor da intenção. O meu maior desejo é que não tivesse inimigos, que todos o apreciassem e estimassem como merece, que forçasse mesmo os seus adversários a admirá-lo e reconhecer que mesmo combatendo sua linguagem não ofende. Se quiser é muito capaz disso, tem talento de sobra para se elevar acima de toda essa miséria e calúnias que chamam política.⁵⁷

Valendo-se do pretexto de que Nabuco estaria escrevendo no jornal *O País*, Eufrásia tenta restabelecer contato com ele. Ao longo da carta, ela expressa – de forma indireta, sob o pretexto de questões políticas – sua preocupação e admiração pelo amado. Nabuco, diante da atitude de Eufrásia em tê-lo deixado só no Brasil e ter-se negado ao casamento, provavelmente se sentira abandonado e pouco apreciado. Estaria ela tentando – indiretamente – provar-lhe o contrário?

Permanecendo sem resposta, Eufrásia espera até agosto de 1886, mês do aniversário de Nabuco, e tenta novamente:

Apesar de sua justiça e ao risco de parecer-lhe importuna, não posso deixar passar esse dia sem mostrar-lhe que não sou tão esquecida quanto acredita, e lamentar que não possa, como há um ano antes, vê-lo, ainda que não o tivesse sido senão um instante à noite. Estou aqui há dois dias, a solidão, e estas montanhas, enche-me de uma tristeza imensa.⁵⁸

Mas não comovem Nabuco nem a tristeza, nem a solidão de Eufrásia, que, afinal, as escolhera. O amigo se mudaria para Londres algum tempo depois, e, mesmo estando na Europa, não iria procurá-la (VIANA FILHO, 1952).

Em uma última tentativa, quase desesperada, Eufrásia endereça uma carta a Londres, em abril de 1887, oferecendo um empréstimo financeiro a Nabuco.⁵⁹ Contudo, como não é difícil de imaginar, Eufrásia só consegue irritar e humilhar o homem que amava. É verdade que o desejo de tê-lo de volta pode ter cegado Eufrásia a ponto de fazer com que se utilizasse, tão imprudentemente, de tal pretexto para uma reaproximação. Mas, de toda maneira, faltara-lhe tato, aqui como em diversas situações do passado, para lidar com os sentimentos de Nabuco.

Eufrásia acabará seus dias solteira, tendo passado mais de 40 anos na Europa. Lá, ela multiplicara a fortuna recebida, investindo em negócios financeiros.

A mucama Cecília Bonfim, companhia constante de Eufrásia em seus anos solitários, afirma que a "sinhazinha" trabalhava muitíssimo, dedicando-se aos negócios "para se distrair" (CATHARINO, 1992, p. 128), pois, após a morte da mãe, Eufrásia teria se tornado uma pessoa imensamente só. Nabuco, por sua vez, casara-se, em 1889, com Evelina, mulher muito mais nova que ele. O casal teve muitos filhos e parece ter sido feliz.

Fica claro aqui que, se Eufrásia não se casou com Nabuco, não foi por falta de interesse ou amor. Não podendo se decidir entre ficar com o homem que amava e abrir mão de suas "intermináveis complicações",⁶⁰ Eufrásia protelou sua decisão transferindo-a, ao final, para Nabuco. Foi preciso que ele terminasse o romance, dando um desfecho àquilo que existia entre os dois.

O sujeito moderno, defrontado com escolhas, numa realidade em que as respostas não são ditadas pela tradição, paga um tributo à sua liberdade de escolher.

Não se pode afirmar que a vida de Eufrásia foi infeliz, ou que teria sido mais feliz ao lado de Nabuco. Não é isso o que aqui nos importa.

Conclusão

Trabalhamos aqui, através da correspondência privada e dentro de um recorte micro-histórico, as trajetórias de duas mulheres do século XIX. Ao fazê-lo, procuramos entrar num campo de estudo mais amplo, envolvendo as questões de gênero e da escrita de si.

As mudanças econômicas, sociais e culturais em curso durante a *Belle Époque* mudaram o estatuto do indivíduo na sociedade, criando uma nova noção de sujeito. As mulheres, nesse contexto, tiveram suas identidades e seus papéis sociais alterados de maneira sensível e acelerada. Uma mudança tão brusca criou um grande atordoamento para mulheres – e homens – que, em meio a incertezas e indefinições modernas, na convivência confusa entre as alterações trazidas pela modernidade e os resquícios da tradição, tiveram de assumir, ou antes, criar uma postura própria diante dessa realidade histórica, isto é, uma identidade para si.

Através da correspondência pessoal de Flora e Eufrásia acompanhamos a construção, em suas variações e estratégias, de dimensões importantes da identidade feminina no século XIX.

As contemporâneas Flora e Eufrásia, apesar de suas semelhanças no que diz respeito à origem social e educação recebidas, típicas da elite aristocrática brasileira, assumem posturas bem diferenciadas. A primeira, uma esposa e secretária dedicada; a segunda, uma mulher atuante no mundo dos negócios e que opta pela condição de celibato. As estratégias com as quais cada uma delas lida, e o acesso ao espaço público, interdito para as mulheres de então, são tão diferenciados quanto emblemáticos das possibilidades abertas pela modernidade à reconstrução da identidade e do papel social femininos.

A escrita de si, como já mencionado, está relacionada de forma indissociável à elaboração de uma identidade individual. Em suas escritas, Flora e Eufrásia revelam para nós elementos de suas personalidades, atitudes e escolhas. Dentro das possibilidades abertas pela modernidade, elas fizeram escolhas diferenciadas, mas com algumas semelhanças importantes: ambas tiveram trajetórias de vida bastante singulares, ou mesmo atípicas. Essa atipicidade, porém, não impede que, através de suas figuras, dentro de uma escala reduzida, tenhamos acesso a uma realidade histórica mais ampla. Até porque a singularidade de suas trajetórias é constitutiva de uma realidade de mudanças e indefinições, a qual apresentava novas e múltiplas possibilidades para a construção das identidades, vivências e papéis sociais femininos.

Abstract: Correspondence is an important form of wome's self-expression through which we can apprehend several aspects of life, behaviors and ideas that circulated in a certain period of time, having access to the different kinds of discourses of a certain time and place and discovering how female authors and characters felt about them. The writing of letters, an exercise which is performed indoors, was one of the few possibilities of self-expression for women of the nineteenth century who could not express themselves publicly. In this work we shall analyze the correspondence of two Brazilian women from the Belle Époque era: Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite, both born at the second half of the nineteenth century as members of Brazilian's patriarchal elite. These women had a similar education and can be seen as particular examples of a generation of women educated in a certain manner and who will experience the world in a very specific and unusual way.

Keyword: gender; writing; correspondence; modernity; sociability.

(Recebido e aprovado para publicação em janeiro de 2005.)

Notas

¹ Esse trabalho é o resumo da monografia homônima, apresentada em 2004, ao fim do curso de graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Sobre a construção de espaços de sociabilidade através da correspondência pessoal, ver Gomes (2000).

³ Isso teoricamente, pois, como demonstraremos neste trabalho, era possível e quase inevitável que as mulheres ultrapassassem tais delimitações.

⁴ Flora descendia, por parte de mãe, do visconde de Utinga, e, por parte de pai, dos Cavalcanti e Albuquerque, família muito tradicional. Ambas as famílias eram formadas por grandes proprietários de engenho. Cf. Malatian (2001).

⁵ Devemos entender por "civilização" um conjunto de regras sociais, uma educação e erudição específicas – e diferenciadas para "damas" e cavaleiros" – que funcionam como marcas de distinção da elite brasileira. Ver Schwarcz (1998).

⁶ Ver Malatian (200, p. 27).

⁷ Cf. Gomes (2004a, p. 51-75).

⁸ Carta de 23/6/1931, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

⁹ Carta de 28/10/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64. As demais citações são da mesma carta.

¹⁰ O presidente em questão é Washington Luís, último chefe de Estado da Primeira República. A oposição ao governo, derrotada nas eleições presidenciais de 1930, se valeu da comoção causada pelo assassinato de um de seus líderes e candidato derrotado à vice-presidência (João Pessoa) para iniciar, em 3 de outubro daquele ano, a Revolução. Em 24 de outubro de 1930, Washington Luís é deposto sem resistência.

¹¹ Carta de 16/12/1931, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

¹² Carta de 28/10/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

¹³ Carta de 18/1/1931, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

¹⁴ Carta de 18/1/1931, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

¹⁵ Logo, Flora segue aproximando a Proclamação e a Revolução de 30, desta vez, mostrando diferenças.

¹⁶ Carta de 13/4/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 63.

¹⁷ Carta de 9/5/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 63.

¹⁸ Carta de 20/3/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 63.

¹⁹ Carta de 3/6/1930, arquivo IHGB, lata 472, pasta 63.

²⁰ Carta de 8/8/1940, arquivo IHGB, lata 472, lata 64.

²¹ Carta de 23/6/1922 escrita por Gilberto Freyre a Oliveira Lima, arquivada na *Oliveira Lima Library* (Universidade Católica da América).

²² Carta de 20/4/1932, arquivo IHGB, lata 472, lata 64

²³ Carta de 18/2/1931, arquivo IHGB, lata 472, pasta 64.

²⁴ Carta 31/1/1940, arquivo IHGB, lata 472, pasta 63.

²⁵ Vassouras era então uma opulenta cidade, de faustosos salões. A chácara dos Teixeira Leite (a Casa da Hera, que hoje é um museu aberto à visitação pública) abria-se para a alta sociedade, com que Eufrásia convivia e da qual fazia parte. Esteve, então, desde pequena, em contato com a arte do bem receber e bem comportar-se nos salões – centros da convivência social da elite na época. A respeito da educação de Eufrásia e da Casa da Hera, ver Catharino (1992).

²⁶ A fortuna de Joaquim José Teixeira Leite ligava-se à atividade cafeeira, mas não diretamente à lida com a terra. Ele foi um grande comerciante e financista da praça do Rio de Janeiro. O tino comercial do pai provavelmente influenciou muito Eufrásia, que administrou e multiplicou sua fortuna investindo em negócios financeiros. Ver Falci; Melo (2002).

²⁷ A sociedade burguesa conformará uma nova ideologia, perpassada por rígidos padrões de conduta que informam o comportamento dos homens na sociedade e a posição ocupada por cada um dentro da escala social. O que sublinhamos aqui é que, de qualquer maneira, o discurso se transforma, e os rígidos padrões burgueses se assentarão sobre uma nova lógica – a do discurso científico. Esta questão será desenvolvida ao longo deste trabalho.

²⁸ Carta de 18/4/1886, Fundaj.

²⁹ Carta de 13/2/1886, Fundaj.

³⁰ Carta de 1884 – o dia e o mês são desconhecidos, Fundaj.

³¹ Carta enviada de Paris, em 18/1/1886, Fundaj.

³² Carta enviada de Petrópolis, em 27/11/1885, Fundaj.

³³ É claro que existem distâncias sociais e culturais entre as pessoas, que restringem as possibilidades de escolhas dos cônjuges, tanto no século XIX, quanto hoje. Mas, teoricamente, as possibilidades são ilimitadas, e, por vezes, casamentos improváveis – devido às mesmas distâncias sociais e culturais – são realizados na prática.

³⁴ O casamento na sociedade burguesa é ainda uma imposição de caráter social, que recai principalmente sobre as mulheres. Apesar disso, o celibato se configura como uma escolha possível – uma escolha desaprovada socialmente e até cientificamente nos discursos médicos do século XIX (ver MURICY, Kátia. *A Razão cética*) –, mas aberta a muitas pessoas. Tanto é assim que o grande número de mulheres solteiras na Grã-Bretanha do século XIX é uma realidade que causa espanto ver Dauphin (1991).

³⁵ Carta de 18/2/1874 apud Viana Filho (1952, p. 49-50).

³⁶ Ibidem, p. 55.

³⁷ Ibidem, p. 55.

³⁸ Ibidem, p. 64.

³⁹ Carta de 4 de julho 1876 – o dia do mês é desconhecido, Fundaj.

⁴⁰ Carta de 4/7/1876, Fundaj.

⁴¹ Carta de 4 /7/1876, Fundaj.

⁴² Cf. Louro (1997).

⁴³ Carta de 28/9/1876 apud Viana Filho (1952, p. 65-66).

⁴⁴ Carta de 28/7/1887, Fundaj.

⁴⁵ Carta de 28/7/1887, Fundaj.

⁴⁶ Carta enviada de Madri, em 30/1/1878, Fundaj.

⁴⁷ Carta enviada de Madri, em 30/1/1878, Fundaj.

⁴⁸ Carta enviada de Paris, em 20/4/1884, Fundaj.

⁴⁹ Carta enviada de Paris, em 20/4/1884, Fundaj.

⁵⁰ Carta de 8/12/1885, Fundaj.

⁵¹ Carta escrita a bordo do navio *Congo*, em 31/12/1885, Fundaj.

⁵² Carta enviada de Lisboa, a bordo do navio Congo, em janeiro de 1886. O dia do mês é desconhecido, Fundaj.

⁵³ Carta escrita em Paris, em 4/2/1886, Fundaj.

⁵⁴ Carta escrita em Paris, em 13/2/1886, Fundaj.

⁵⁵ Carta de 18/4/1886, Fundaj.

⁵⁶ Carta escrita em Paris, 19/5/1886, Fundaj.

⁵⁷ Carta escrita em Paris, 1/7/1886, Fundaj.

⁵⁸ Carta de agosto de 1886. O dia do mês e a procedência da carta são desconhecidos, Fundaj.

⁵⁹ Carta de 16/4/1887, Fundaj.

⁶⁰ Note-se que tudo para Eufrásia é complicação quando se trata de casar com Nabuco: desde morar no Brasil até magoar outros pretendentes.

Referências

- ARNAUD-DUC, Nicole. As contradições do Direito. In: PERROT, Michelle; DUBY Georges (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Ed. Afrontamento, 1991.
- BICALHO, Maria Fernanda. O "Bello Sexo": imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. In: COSTA, Albertina de O.; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fund. Carlos Chagas, 1989.
- CATHARINO, Ernesto José Coelho Rodrigues. *Eufrásia Teixeira Leite: fragmentos de uma existência*. Vassouras: Autor, 1992.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- DAUPHIN, Cécile. *Mulheres sós*. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Ed. Afrontamento, 1991.
- DERMALE, Marie Claire Hooek. *Ler e escrever na Alemanha*. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). *História das Mulheres: o século XIX*. Porto: Ed. Afrontamento, 1991. p. 177.
- FALCI, Miridam Britto Knox; MELO, Hildete Pereira de. Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite: uma análise de gênero. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 165-187, 2002.
- GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: _____. (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004a. p. 51-75.
- _____. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004b. p. 7-24.
- _____. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: _____. (Org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e patrões no Rio de Janeiro 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Ed. Afrontamento, 1991.
- LEVILLAN, Philippe. Os protagonistas: da biografia In: RÉMOMND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ: FGV, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *A História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

- MINDLIN, Betty. A panela feminina e feminista. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ed. Nacional, 1952.
- VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVII e XIX*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.